

INSURGÊNCIA É COMPROMISSO, ARTE AFRO- TRAVESTI: CORPAS MEMÓRIAS E POSSIBILIDADES DE LETRAMENTOS E PEDAGOGIAS DESOBEDIENTES

Amora Afeni Bomfim Moreira ¹

INTRODUÇÃO

Este artigo emerge da urgência de um corpo que grita, uma corpa travesti, preta, órfã, nordestina por território experiencial, que se inscreve no campo da Educação como presença que rasura a lógica da neutralidade científica. A jornada da pesquisadora, marcada pela desumanização institucional na infância e pela violência, constitui a gênese desta investigação.

Assim, a pesquisa nasce da minha experiência, mas não se limita a ela. É sustentada no chão que piso: nas ruas, nas escolas, nos palcos e nas telas. O corpo-memória é assumido como o principal território epistêmico, mobilizando a escrevivência (EVARISTO, 2020) e a teoria como cura (hooks, 2019) como práticas fundamentais. A dissidência e o fascínio pela arte tornaram-se o motor desta busca por saberes não coloniais.

O problema central reside na invisibilidade e no epistemicídio sofrido por existências afro em dissidência no ambiente acadêmico e social, manifestando-se num contexto de violência sistêmica que historicamente posiciona corpos negros (cis e travestis) em desvantagem educacional, submetidos a uma "imagem de controle" (COLLINS, 2019a) que os estigmatiza e os destina à "deseducação" (hooks, 2022). O objetivo geral é compreender como as expressões artísticas de identidades trans e travestis negras contribuem para a construção de saberes que desafiam as narrativas hegemônicas.

Inspirei-me, ao ouvir pela primeira vez a história de Xica Manicongo, da qual sempre me senti muito afeiçoada e próxima, como se carregássemos uma lembrança memorial empregada no corpo, contudo, antes dela, houve duas sujeitas tão importantes quanto: Lacraia, uma artista travesti, negra, cantora de Funk, carioca e que nos anos 2000, dançava e enfeitava o olhar de crianças como eu ao meio-dia nas tardes de domingo na TV aberta brasileira.

No mesmo encontro existiu: “Vera Verão”, uma referência que me provocou curiosidades. Curiosidades, de modo geral, foi a força motriz que carreguei durante os diversos momentos da minha vida, inquietações que me fizeram realizar minha primeira exposição em

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), ataldamoreira01@gmail.com. Projeto de Pesquisa em desenvolvimento, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

galeria de arte: “Galeria Paralella”, na qual fiz uma exposição chamada “PARA ALÉM DO LACRE”, no ano de dois mil e vinte dois, onde cada máscara era uma dessas figuras: - “Mar Nicongo” – que seria a representação plástica e artística histórica da icônica Xica Manicongo – , bem como, Vera 3.000 (três mil) era Vera Verão e “Vai, Lacreia” como “Lacreia”.

Defende-se que a arte, neste contexto, não é apenas expressão estética, mas um ato educativo, ético e histórico capaz de forjar uma Pedagogia Desobediente e fissurar o “Cistema” que nos mata e silencia a partir das tentativas de apagamento diário e ao longo da história.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, autoetnográfica e documental, alinhada às metodologias insurgentes. Recusa-se a separação cartesiana entre sujeito e objeto, assumindo o corpo da pesquisadora como território epistêmico por meio da Autoetnografia Dissidente e Insurgente (GEERTZ, 2015). A Sociopoética é utilizada como técnica sensível, mesclando arte e vida para analisar a materialidade da pesquisa, que inclui narrativas, imagens e produções audiovisuais de corpos referenciais. O tempo da pesquisa é concebido como contínuo e ancestral, e o percurso é fluido pela Pedagogia da Desobediência (ODARA, 2020), que nasce do enfrentamento às estruturas racistas, patriarcais e coloniais da educação. Inspirada em saberes africanos e diaspóricos, Odara (2020) propõe a desobediência como ato de reinventar as existências travestis e negras criando uma reterritorialização epistemológica. Trata-se de um convite para romper com a obediência epistêmica imposta pelas instituições e construir caminhos de ensino-aprendizagem baseados na escuta, no afeto e na ancestralidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa se ancora em um robusto referencial teórico que articula as Epistemologias Decoloniais (QUIJANO, 2005; com colonialidade do poder, ser e saber, SEGATO, 2015), amplia essa crítica ao pensar a colonialidade de gênero, evidenciando que o patriarcado colonial destruiu sistemas de organização social não binários e coletivos, impondo a heteronormatividade como regime político de controle dos corpos. Já Oyèrónké Oyèwùmí (1997), em *The Invention of Women*, demonstra como o gênero, tal como compreendido no Ocidente, é uma categoria colonial, ausente nas cosmologias iorubás antes da colonização. A

imposição do binarismo de gênero, portanto, foi um instrumento de dominação e de apagamento das relações sociais baseadas em idade, linhagem e espiritualidade. OYEWÙMÍ, 1997).

O Feminismo Negro (CARNEIRO, 2003; COLLINS, 2019a) e a Teoria Queer (BUTLER, 2018; PRECIADO, 2014), reconhecendo o corpo negro e travesti como território de saber e resistência. O conceito de Transcestralidades – uma ancestralidade dissidente/afro-travesti, que nos coloca em diálogo com as que vieram antes e deram seus primeiros pontapés, atiraram as pedras iniciais, evocar figuras como Xica Manicongo, Lacreia e Vera Verão – é central, assim como a Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2019), que concebe o conhecimento como uma construção polifônica, produzida no cruzamento dos saberes de vida e acadêmicos. A crítica à colonialidade do saber e do gênero é fundamental, pois o sistema colonial-moderno impôs um esquema binário rígido, ignorando a transitividade de gênero em diversas culturas, incluindo as afrodiaspóricas (BENEVIDES, 2023).

A existência travesti negra, portanto, é um ato de desobediência epistêmica, onde a corporeidade negra atua como episteme que expande o escopo do corpo como lugar de produção de conhecimento e ação, ou seja, o corpo é visto como um lugar que, por si só, já carrega suas marcas performativas que constroem rasuras nas epistemologias dominantes que insistem em negligenciar o corpo como ferramenta/instrumento de resistência. (MARTINS, 2021).

A arte afrotravesti é, assim, um campo de criação política e estética que tensiona a colonialidade do ser e do saber, produzindo novas formas de existência e epistemologias (MOMBAÇA, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso metodológico adotado, sendo performativo, desobediente e encruzilhado, não busca um desfecho definitivo, mas sim a possibilidade criativa que se movimenta entre a pedagogia, a arte e a vida. A pesquisa é um ato de forjar de uma travesti negra na academia, que se levanta em meio ao caos da cisnormatividade científica, branco centrada e colonial, dos traumas e das inseguranças, abraçando a teoria como possibilidade de cura e de reexistir na necropolítica CISTêmica. A dimensão pedagógica da arte é crucial: (DES)educar é também dançar, performar presenças e fabular outras possibilidades de existir/saberes e criar/ressignificar narrativas para corpos quem foram subalternizados e invisibilizados por pura estratégia política de um epistemicídio programado. Compreende-se que os nossos silêncios não nos salvarão e com isso, a pesquisa é uma forma de reconstruir e falar a partir da legitimidade de ser e estar no mundo. A metodologia se ancora em práticas que desconstruem

normatividades cisheterocoloniais, racializadas e eurocentradas, pois o corpo que escreve é um corpo político, de luta e de infinitas TRANSmutações, que subverte a mortalidade inscrita em corpos negros e travestis no território que mais nos mata e, paradoxalmente, mais nos assiste. Insurgência é compromisso.

Palavras Chaves: Arte afrotravesti, Pedagogia insurgente, Epistemologias decoloniais.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

Bueno, W. de C. (2020). **Imagens de Controle:** um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk.

BUTLER, Judith. **Desfazer o gênero**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.

DE OLIVEIRA, Megg. **Por que você não me abraça**. Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. SUR, v. 15, n. 28, p. 167-179, 2018.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência:** a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. ISBN 978-65-992547-0-3.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência:** travestilizando a educação. Salvador: Editora Devires, 2020.

OYEWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **The Invention of Women:** Making an African Sense of Western Gender Discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual.** São Paulo: n-1 edições, 2014.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. CLACSO, 2005.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SEGATO, Rita Laura. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos.** Buenos Aires: Prometeo, 2015.

VITORINO, Castiel. **Quando o Sol aqui não mais brilhar:** a falência da negritude. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales:** prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

